

VANTAGENS EM SE TRABALHAR OS GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA

Estefania Cabral de Souza da Silva ¹

Maria de Fátima Silva Xavier ²

Celeste Maria da Rocha Ribeiro ³

Resumo

O artigo procura discutir as vantagens em se trabalhar os gêneros textuais em sala de aula, com o objetivo de evidenciar que o ensino pautado nessa temática é imprescindível e enriquecedor às práticas pedagógicas quando se tem como meta a participação consciente dos alunos na sociedade. Por essa razão, busca-se, através de autores e estudiosos, colaborar com o debate que se torna indispensável aos profissionais que já estão em sala de aula e aos que pretendem trabalhar com alunos por meio da disciplina Língua Portuguesa e Literatura. Para que as metodologias sejam eficazes e os resultados satisfatórios, acredita-se não ser suficiente ao professor apenas mencionar os gêneros porque aparecem nos livros didáticos, pois é preciso que ele compreenda o porquê da aplicação, a motivação e as reais contribuições dessa prática interacionista e discursiva no aprimoramento da capacidade de compreensão, interpretação e produção de textos, além de apreender que trabalhar os gêneros é uma ótima oportunidade de valorização do saberes múltiplos que os alunos possuem antes mesmo de entrarem na escola.

Palavras-chave: Gênero textual. Prática Pedagógica. Interacionismo.

1 INTRODUÇÃO

Desde o início da década de 80, deu-se ênfase aos questionamentos acerca do ensino tradicional transmissivo de categorias gramaticais isoladas, tornando-se necessário que o papel da escola fosse repensado e, com ele, o papel do professor de Língua Portuguesa.

Passou-se a questionar o fato de que desde as séries iniciais são oferecidos aos educandos textos pequenos, de poucas frases, com o propósito de aproximar os textos dos alunos, ao invés de aproximá-los dos textos de qualidade, bem como a

¹ Tecnóloga em Informática Educativa – Faculdade SEAMA; Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP; Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Estadual de Ensino do Amapá;

² Especialista em Novas Linguagens e Novas Abordagens para o Ensino da Língua Portuguesa pela Faculdade Atual – FAAT; Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP; Professora da Educação Básica da Rede Pública Estadual do Amapá;

³ Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Pará – UFPA; Professora do Departamento de Letras e Artes – UNIFAP.

ênfase dada às nomenclaturas e às classes gramaticais, contribuindo, assim, para aumentar os índices de fracasso do aluno leitor. Exemplos concretos são os dados dos exames oficiais como Prova Brasil e SAEB (ANEB)⁴ e ENEM⁵.

Constatações assim, no campo da língua materna, revelaram um ensino comprometido por problemas de ordem conceitual, conteudista e pedagógico, resultando em conclusões alarmantes sobre as condições de produção e recepção de textos na escola, onde a linguagem parece ser tratada como se fosse um conteúdo, e não um meio para aprimorar a produção linguística.

A partir de então, os documentos oficiais passaram a fazer indicação explícita do ensino de leitura e produção de textos orientados por gêneros textuais, privilegiando a dimensão interacional e discursiva da língua, definindo o domínio como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio social.

Contudo, nos dias atuais, percebe-se que muitos professores não entenderam os porquês de se trabalhar os gêneros textuais como fio condutor das aulas de Língua Portuguesa, o que acaba refletindo na prática em sala de aula, e consequentemente, no rendimento do aluno.

Pensando nisso, buscou-se neste artigo, por meio de debates e reflexões, evidenciar que o ensino pautado nessa temática é imprescindível e enriquecedor às práticas pedagógicas quando se tem como meta a participação consciente dos alunos na sociedade.

Assim, espera-se, contribuir com conhecimentos teóricos e analíticos acerca dos gêneros textuais e, dessa forma, ajudar a melhorar as situações de ensino e aprendizagem dos gêneros textuais em sala de aula.

2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

2.1 PCN e os gêneros textuais: uma nova perspectiva

Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN é um documento que foi elaborado por um conjunto de estudiosos das várias instituições brasileiras de ensino superior. Referindo-se em especial ao de Língua Portuguesa, que simboliza

⁴ Sistema de Avaliação da Educação Básica (**Avaliação Nacional da Educação Básica**)

⁵ Exame Nacional do Ensino Médio

um avanço significativo no que tange ao tratamento do ensino-aprendizagem de leitura e produção de textos concernentes ao ensino fundamental e médio, vem norteando e orientando a ação pedagógica, principalmente o trabalho com gênero do discurso, pois os textos apresentam um conjunto de características estáveis, tenhamos ou não consciência delas. Segundo os PCN, desde o início da década de 80, o ensino de Língua Portuguesa na escola tem sido o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade da educação do país, onde *no ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita [...] (PCN, p. 19).*

Diante disso, os PCN buscam esforços para uma perspectiva que utilize o texto como unidade básica de ensino, levando em consideração o seu contexto de produção, enquanto resultado de um processo comunicativo, linguístico e sócio cognitivo, sem se restringir somente a níveis lexicais e estritamente textuais:

[...] assim, pode-se afirmar que texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão. [...] dessa forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, quando possui textualidade, caso contrário não passa de um amontoado aleatório de enunciados (PCN, p. 26).

Com o trabalho de produção textual centrado nos gêneros, o ato de escrever é dessacralizado e democratizado e, assim, os alunos aprendem a escrever os vários tipos de textos. Para Bazerman (2006, p.29) [...] *os gêneros constituem um recurso rico e multidimensional que nos ajudam a localizar nossa ação discursiva em relação a situações altamente estruturadas [...].*

É de suma importância o que os PCN de Língua Portuguesa colocam acerca dos gêneros textuais como algo a ser ensinado, porque prepara o aluno para eventuais práticas linguísticas e também amplia sua compreensão da realidade, apontando-lhe formas concretas de participação social como cidadão.

2.2 Os gêneros textuais no contexto escolar

É notório que todo professor, independente de sua formação acadêmica, deve ter o texto como mecanismo de trabalho no processo ensino-aprendizagem, haja

vista que a leitura e a escrita são fatores fundamentais para a inclusão social e inserção do aluno no mundo letrado. Segundo Marcuschi (2005: 19):

[...] gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social [...] contribui para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia [...] caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação às sociedades anteriores a comunicação escrita.

Quando se trabalha os gêneros textuais relaciona-se diferentes áreas do conhecimento, permitindo a interdisciplinaridade e contribuindo para o aprendizado e a aplicação da escrita e da leitura, possibilitando ao aluno utilizar os textos da vida cotidiana nessas atividades, o que torna a aprendizagem mais significativa.

Partindo desse pressuposto, acredita-se que ensinar produção textual a partir do enfoque de gênero não só diversifica, mas enriquece a capacidade dos alunos de produzir textos orais e escritos, aprimorando a habilidade de recepção: de leitura, audição, compreensão e interpretação. Marcuschi (2005: 23) confirma:

[...] usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilos e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros textuais são inúmeros [...].

É imprescindível que os gêneros textuais sejam inseridos nas práticas didáticas, já que o aluno é colocado em contato não somente com os gêneros produzidos na escola, mas também com outros originados fora dela, em diversas áreas do conhecimento. Mas o professor precisa identificar quais gêneros são mais adequados ao desenvolvimento do trabalho escolar.

Letramento, de acordo com Soares (1999) é estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, é um processo com dimensão social, um conjunto de práticas sociais referentes à leitura e a escrita que visam desenvolver um conjunto de habilidades e comportamentos. Letrar é ensinar a leitura e a escrita dentro de um contexto em que essas práticas tenham sentido e façam parte da vida, do cotidiano, da práxis diária da vida em sociedade.

Quando a questão é letramento torna-se essencial abordar o conceito de gêneros textuais. Afinal, de acordo com a concepção de língua com que estamos trabalhando aqui, com base em Marcuschi (2001) “a língua se dá e se manifesta em

textos orais e escritos ordenados e estabilizados em gêneros textuais para uso em situações concretas”.

Isso significa que o ensino-aprendizagem da produção e leitura de textos sob a perspectiva dos gêneros textuais leva a redefinição do papel do professor de produção de texto, que deixa de ser visto como “professor de redação”, profissional distante da realidade e da prática textual do aluno e passa a ser considerado um especialista nas diferentes modalidades textuais orais e escritas, de uso social.

Observa-se que a escola, através do ensino tradicional não levou em conta, por muito tempo, a variedade dos gêneros textuais existentes na vida social, preocupando-se, enfaticamente, a um tipo de prática (a alfabetização), o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Pode-se afirmar, segundo Klaiman (1995: 29), *que se desconsiderou que a linguagem, seja qual for sua modalidade comunicação é, por natureza, polifônica, incorporando o diálogo com vozes outras que as do enunciador.*

Com essa prática, o professor de português deixou à margem os gêneros orais, importantes para ampliar o letramento, que se aplica também *a capacidade que os seres humanos sempre tiveram de transmitir conhecimentos, preservar a memória do grupo e estabelecer vínculos de coesão social por meio de práticas que independem do conhecimento de qualquer forma de escrita* (BAGNO, 2002: 55).

Levando em consideração a visão interacionista da língua, não se deve ignorar que o acelerado desenvolvimento da tecnologia da informação impõe também ao docente o letramento digital, posto que o computador tornou-se um novo portador de textos e de hipertextos. Ele suscita novos gêneros e comportamentos sociais referentes às práticas de uso da linguagem oral e escrita, cobrando novas teorizações e novos modelos de interpretação de fenômenos da linguagem. Evidentemente que, letrar, através dos gêneros textuais, na visão interacionista, possibilita uma consideração mais ampla da linguagem e, conseqüentemente, um trabalho pedagógico produtivo e relevante.

Assim, a concepção de língua como representação do pensamento e, de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, deixa de existir, dando lugar a atores- construtores sociais- sujeitos ativos que dialogicamente constroem e são construídos, considerando o próprio lugar um espaço de interação e da

constituição dos interlocutores. Logo, o trabalho centrado nos gêneros textuais dessacraliza e democratiza o ato de escrever, permite a inclusão social e a inserção do aluno no mundo letrado. Também possibilita o relacionamento entre várias áreas do conhecimento, pois coloca o aluno em contato não somente com os gêneros textuais produzidos na escola, mas também originadas fora dela.

Isso leva o sujeito a desenvolver um conjunto de habilidades e comportamentos sociais, levando à redefinição do papel do professor, que passa a destacar, também, os gêneros orais, o letramento digital, além de mudar significativamente a concepção de língua, entre outros.

3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM DEBATE

3.1 Conceito de gêneros e de tipologias

Não pode haver, segundo Antunes (2003), prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos, cujas aplicações práticas exigem, além de estudo, pesquisa, reflexão, criatividade e o discernimento constante dos professores. Logo, é evidente que os docentes precisam se atualizar face aos novos paradigmas de ensino da disciplina, pois a falta de conhecimento sobre gênero compromete o processo de ensino e aprendizagem.

Se um professor que trabalha atualmente em sala de aula, terminou a graduação há 10 (dez) e, até o momento, não fez especialização, não participou de congressos, palestras, entre outros, é bem provável que desconheça a definição de gêneros como composições funcionais. Fatalmente não reconhece os objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na esfera social. Os gêneros são as formas textuais escritas ou orais estáveis, históricas e socialmente situadas, enquanto que os tipos textuais designam uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição. Sem esse conhecimento, corre-se o risco de trabalhar exclusivamente com as tipologias.

Conforme Marcushi (2002), a abordagem textual, pautada exclusivamente em tipologias, traz para o ensino alguns problemas, não sendo possível, por exemplo, ensinar narrativa em geral, porque, embora possamos classificar vários textos como sendo narrativos, eles se concretizam em formas diferentes e específicas. Além

disso, argumenta que todos os tipos se realizam, ocorrendo muitas vezes, duas ou três em um mesmo gênero e que o termo tipologia textual é usado *para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)* (p. 22).

É preciso que os docentes privilegiem a concepção (interacional) dialógica da língua, em que o texto é lugar de interação de sujeitos sociais, na qual dialogicamente nele se constituem e são constituídos, e, por isso, exigem mais do que a parte visível constituída por sua materialidade linguística (o explícito), ou seja, exigem também a parte invisível (o implícito).

Fica evidente que a linguagem sob a perspectiva dos gêneros não pode se restringir às estruturas tipológicas, pois vai de encontro à orientação dos PCN de Língua Portuguesa e aos estudos/pesquisas que revelam resultados positivos quando colocado em prática esse paradigma. *Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou outro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção, como para a compreensão* (Marcuschi, 2005, p. 32).

3.2 Textos literários

Os textos literários não podem servir de pretexto para ensinar a gramática. Estes, por sua vez, em atividades reprodutoras e repetitivas, desvinculadas do sentido amplo do texto, pouco ou nada contribuem para a formação de leitores, pois ignoram a fruição estética em que não somente o belo e o prazer têm lugar, mas também o incômodo, o desconforto e a reflexão, que leva o leitor a participar da construção de significados do texto.

Segundo Lajolo (2002), é fundamental que exercícios e atividades trabalhem elementos do texto que contribuam para um relacionamento mais intenso dos alunos com aquele texto, e que fique inspiração e caminho para o inter-relacionamento com todos os outros conhecimentos daquele leitor. Caso contrário, os exercícios acabam funcionando como uma espécie de filtro seletor em que o relacionamento de ambos fica destorcido e apequenado.

Tratar de leitura literária é abordar um fenômeno social que envolve as condições de emergência e utilização de determinados escritos, em dada época; é

pensá-los do ponto de vista de seu funcionamento sócio histórico, ou seja, do ponto de vista interacionista, que se constitui num processo de interação homem /mundo, através de uma relação dialógica entre leitor e texto.

Nesse sentido, não basta fazer circular os textos literários em sala de aula, é preciso aparelhar os alunos para sua recepção. Isso depende do conhecimento sobre essa temática e da capacidade do professor em preparar os alunos para a tarefa em questão.

Para isso, faz-se necessário explicitar as diferentes estratégias de leitura, composição textual, dar relevância ao conteúdo de sua produção, circulação, consumo e suporte, mantendo com eles um pacto. Não se pode, portanto, ler um romance, como se lê uma crônica ou um conto, embora possam estar em constante interação. Diante dessa concepção de leitura, os PCN (1997:37) mencionam que o ensino da literatura ou leitura literária

Envolve, portanto esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino de boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres dos cidadãos, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do prazer do texto.

Conforme Lopes-Rossi (2008, p. 69), devido às dificuldades enfrentadas pelos profissionais, mesmo os gêneros mais estudados na tradição linguística, costumam ser abordados apenas em seus componentes linguístico-textuais, sendo, por isso, insuficientes para o ensino buscado nessa nova perspectiva.

3.3 Gêneros orais

Os gêneros orais, principalmente o seminário, o debate e a exposição, precisam ser trabalhados em sala de aula, na medida em que são de suma relevância para o desenvolvimento de habilidades necessárias à vivência em sociedade, uma vez que a oralidade faz parte do cotidiano da maioria das pessoas.

Mesmo tendo dificuldades, a escola não pode deixar de buscar orientações, e tampouco se eximir de sua responsabilidade, uma vez que os alunos necessitam desenvolver competências voltadas às especificidades dos gêneros discursivos orais e adequar a linguagem às condições de interação. Afinal, os *textos orais*

ocorrem sob a forma de variados tipos e gêneros, dependendo dos contextos mais ou menos formais em que acontecem (Antunes, 2003, p. 102).

3.4 Aspectos gramaticais

Quando se coloca em prática os gêneros textuais, é inadmissível dar notoriedade somente aos aspectos gramaticais, sem se falar nos aspectos lexicais, fraseológicos, conteúdo temático e construção composicional. Segundo Antunes, 2003, p.120,

A decisão de incluir a abordagem da gramática de forma natural não significa que as noções gramaticais não sejam, quando necessário, apresentadas ao aluno. O que se pretende como venho salientando, é que a aula não pare nas terminologias, nas classificações e que os exercícios de gramática não sejam, apenas exercícios de reconhecimento das unidades e estruturas gramaticais.

Todavia, a questão maior não é ensinar ou não gramática, uma vez que não se pode falar nem escrever sem ela, mas saber como se usa a língua nos mais variados gêneros textuais orais ou escritos. Esse é um dos maiores desafios de nossas escolas em relação ao ensino atual de Língua Portuguesa.

4 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS (SD)

Diante das dificuldades nas salas de aula, no que diz respeito a praticas dos gêneros textuais, surge no Interacionismo sócio discursivo, as sequências didáticas, que conforme Machado (2000, p. 4), vem a ser sequências de atividades progressivas, planejadas, dirigidas por um tema, um objetivo ou por uma produção.

Nesse viés, Dolz e Schneuwly (2004) afirmam que as SD são instrumentos que podem guiar professores a trabalhar de forma ordenada, permitindo a transformação gradual das capacidades iniciais dos alunos para o domínio de variados gêneros, considerando questões como a complexidade de tarefas, em função dos elementos que sucedem as capacidades iniciais dos alunos.

A partir desse esquema, é possível ensinar gêneros textuais públicos da oralidade e da escrita. Isso pode ser feito de maneira ordenada, tendo como centro a situação concreta, com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores. Dessa maneira, oportuniza-se aos alunos realizarem todas as tarefas e as etapas necessárias à produção de dos gêneros de forma planejada e consciente.

4.1. SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO CONTO LITERÁRIO - 8ª série do ensino fundamental

Pensando nas dificuldades que os professores enfrentam, procurou-se colocar em evidência uma proposta de ensino e aprendizagem que pudesse auxiliá-los na prática de sala de aula. Não há aqui a intenção de padronizar, nem de oferecer uma receita metodológica pronta para o consumo. Pretende-se, com a apresentação desta sugestão, que ela possa servir de parâmetro, base para a realização de atividades pedagógicas capazes de oferecer resultados mais positivos e gratificantes.

(MÓDULO 0) APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

O professor irá apresentar aos alunos a proposta de trabalho, explicando que o foco principal centra-se na produção escrita do gênero textual conto literário, e que as atividades e intervenções serão organizadas em etapas/módulos. Contudo, deverá deixar claro que é por meio da leitura que estes passarão a compreender os aspectos que serão, a cada etapa/módulo, evidenciados e colocados em prática na produção escrita. Ainda, deverá esclarecer que serão trabalhados vários contos, de variados autores e, em cada um, os aspectos demonstrados serão distintos. Assim, além de o aluno ter a oportunidade de produzir o gênero em questão, aprenderá interpretar, conhecer variados contos e seus respectivos autores.

OBJETIVOS:

- Partilhar com os colegas as percepções de leitura de contos lidos e ouvidos;
- Explicar brevemente ao aluno o significado de Gênero Textual e seus exemplos. Apropriar-se do conhecimento acerca de gênero textual para utilizá-lo na melhor compreensão do gênero conto;
- Produzir a escrita de uma história;
- Retomar a produção escrita e revisar;
- Expor os textos para que outros alunos tenham a oportunidade de ver e ler as produções escritas.

(SUBMÓDULO 0.1) LEVANTAMENTO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS

OBJETIVO: Partilhar com os colegas as percepções de leitura de contos lidos e ouvidos.

Atividade 1: Diálogo

- Você conhece alguma história interessante? Qual?
- Ouviu de alguém? Quem?
- Leu em algum livro? Sabe quem é o autor?
- O que chama a atenção nas histórias?
- O que você sabe sobre contos? Já ouviu falar?
- Você conhece algum autor brasileiro que escreva contos?

(SUBMÓDULO 0.2) O QUE É GÊNERO TEXTUAL?

OBJETIVO:

Explicar brevemente ao aluno o significado de Gênero Textual e seus exemplos. Apropriar-se do conhecimento acerca de gênero textual para utilizá-lo na melhor compreensão do gênero conto.

Gênero Textual são os textos encontrados no nosso cotidiano e apresentam características sócio comunicativas.

Exemplos: carta pessoal ou comercial, diários, agendas, *e-mail*, *facebook*, lista de compras, cardápio, receita culinária, tirinha, charge entre outros.

Atividade 1: Pesquise na internet, jornal, livros e revistas 3 gêneros textuais, e identifique-os, ou seja, diga se é conto, crônica, receita, bula de remédio, entre outros. Para complementar a atividade, escreva a finalidade ou objetivo de cada um.

(MÓDULO 1) CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO TEXTUAL CONTO

OBJETIVO:

Explicar as características do gênero textual Conto para que o aluno o reconheça entre os demais gêneros textuais.

Algumas particularidades do conto literário:

- É um texto em prosa que contém um só conflito, um só drama, uma só ação e poucos personagens;

- Todos os ingredientes do conto convergem para o mesmo ponto;
- Deve emocionar quem o lê;
- Os fatos neste gênero literário acontecem em curto espaço de tempo, já que não interessam o passado e o futuro, as coisas se passam em horas, ou dias;
- A linguagem do conto, geralmente é direta, concreta e objetiva.
- Conto é uma obra de ficção que cria um universo de seres e acontecimentos de fantasia ou imaginação. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, espaço, tempo, ponto de vista e enredo.

(SUBMÓDULO 1.1) NARRATIVA

OBJETIVO:

- Analisar, entender quais são os elementos que constituem uma narrativa;

A narração é um texto dinâmico, que contém vários fatores de dependência que são extremamente importantes para a boa estruturação do texto. Narrar é contar um fato, e como todo fato ocorre em determinado tempo, em toda narração há sempre um começo um meio e um fim. São requisitos básicos para que a narração esteja completa.

Sendo assim, começaremos por expor os elementos que formam a estrutura da narrativa: **TEMPO, ESPAÇO, ENREDO, PERSONAGENS, NARRADOR, INTRODUÇÃO, TRAMA, CLÍMAX, DESENLACE.**

Para que no seu texto estejam presentes esses elementos, é necessário que na organização do texto você faça alguns questionamentos: O quê aconteceu (enredo), quando aconteceu? (tempo), onde aconteceu? (espaço), com quem aconteceu? (personagens), como aconteceu? (trama, clímax, desenlace).

Após fazer essas perguntas e respondê-las, pode-se iniciar a redação da narrativa, onde são incluídos todos esses itens explicados acima. Para uma redação escolar o melhor é que se distribuam as informações dessa forma:

Introdução: Com quem aconteceu? Quando aconteceu? Onde aconteceu?

Desenvolvimento: O que aconteceu? Como aconteceu? Por que aconteceu?

Conclusão: Qual a consequência desse acontecimento?

Se essas dicas forem seguidas com certeza a narração estará completa e não faltará nenhuma informação para que se possa entender os fatos.

FONTE: <http://www.infoescola.com/redacao/narracao/>

(SUBMÓDULO 1.2) FIGURAS DE LINGUAGEM

CONCEITO

Figuras de linguagem, são formas simbólicas ou elaboradas de exprimir pensamentos, ideias, etc., de maneira a conferir-lhes maior expressividade, emoção, no âmbito da afetividade ou da estética da linguagem (AZEREDO, 2012).

TIPOS DE FIGURAS DE LINGUAGEM

Observação: *Alguns autores classificam as figuras em três tipos: figuras de linguagem, figuras de palavras e figuras de pensamento. Nós preferimos utilizar o termo “figuras de linguagem” para todos estes tipos de figuras, a fim de simplificar o conteúdo trabalhado. Caso permaneça a dúvida, indicamos ao final deste material algumas referências que podem lhe ajudar a compreender melhor.*

- **METÁFORA:** ocorre quando uma palavra é empregada com outro sentido, geralmente por efeito de comparação.

Exemplo: “Amor é fogo que arde sem se ver.” (Camões).

- **METONÍMIA:** é a substituição de um termo por outro, que contenha sentido parecido ou igual. Também se caracteriza pela utilização de uma palavra ou parte do significado da palavra para que se passe uma ideia.

Exemplo: “Ontem comi uma caixa de chocolates sozinho. ”

- **ANTÍTESE:** visa construir um novo sentido para uma frase a partir de ideias opostas.

Exemplo: “Tristeza não tem fim. Felicidade, sim. ” (Vinícius de Moraes).

- **IRONIA:** é o resultado de um pensamento que, num determinado contexto, adquire outro significado diferente do já conhecido.

Exemplo: “Esse é o resultado de seu esforço na prova: sua nota foi zero. ”

- **CATACRESE:** como a metáfora, é o emprego de um termo por outro com outro sentido, mas que foi tão utilizado que está incorporado na linguagem.

Exemplo: “Não bebe na boca da garrafa, menino. ”.

- **COMPARAÇÃO:** como o nome já diz, é uma comparação entre dois elementos ligada pela característica que eles tem em comum. A comparação é diferente da metáfora, pois neste caso há o emprego dos conectivos “como”, “tal qual”, “que nem”, dentre outros, que explicita a comparação entre os termos evidenciados.

Exemplo: “Aquele rapaz é forte como um touro. ”.

- **HIPÉRBOLE:** acontece quando há o exagero ao expressar alguma ideia.
Exemplo: “Chorei um oceano quando acabou aquele filme. ”.

- **EUFEMISMO:** é o emprego de uma expressão para suavizar, amenizar a força de uma expressão mais “forte”, mais “dura”. Procura “impactar menos” ao falar algo.

Exemplo: “João é desprovido de beleza. ”.

- **PROSOPOPEIA:** atribui a seres e coisas inanimados características humanas. É bastante comum em fábulas, nas quais os animais agem como humanos.

Exemplo: “As casas espiam os homens que correm atrás das mulheres. ”
(Carlos Drummond de Andrade).

- **SINESTESIA:** é a transferência de um dos sentidos (tato, paladar, audição, olfato e visão) para outro sentido.

- **Exemplo:** “O gosto das minhas lembranças de infância é doce, como chocolate. ”.

- **ANÁFORA:** é a repetição de uma palavra ou de um grupo de palavras no início de frases ou de versos seguidos.

Exemplo: “Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia. ” **(Manuel Bandeira)**

- **PLEONASMO:** é a repetição (proposital ou não) de um termo numa frase. Também chamada de redundância.

Exemplo: “Vamos fugir para outro lugar.” **(Gilberto Gil)**

OBSERVAÇÃO: quando não ocorre de maneira proposital, o pleonasma perde o status de “figura de linguagem” e passa a se chamar “vício de linguagem” ou “pleonasma vicioso”.

Exemplo: “Eu vou subir pra cima. ”.
“Entra pra dentro de casa agora, Zequinha!”

MÓDULO 2 - COMO FAZER A LEITURA DOS CONTOS?

OBJETIVO: Antecipar o conteúdo das leituras com base em indícios como autor, título do texto, ilustrações, entre outros, no intuito de facilitar a compreensão e a reescrita da produção textual.

O diálogo entre leitor e texto começa antes da leitura. Antes de ler é importante verificar a aparência do texto, observar detalhes gráficos (tabelas, ilustrações, linhas, colunas, palavras destacadas), bem como sua fonte, suas referências bibliográficas.

Texto: Essas meninas- Carlos Drummond de Andrade

Atividade 1: Responda as seguintes questões:

- O que você entendeu após ler o conto? Do que o conto trata?
- Do que você mais gostou do conto?
- “Essas meninas” o título do conto, pode sugerir o que?

(MÓDULO 3) PRODUÇÃO INICIAL (RASCUNHO DO CONTO)

OBJETIVO: Produzir a escrita de uma história.

Atividade1: Produzir um conto. (DETERMINAR TEMA)

(SUBMÓDULO 3.1) AMPLIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS SOBRE O GÊNERO

OBJETIVOS:

- Refletir sobre as características do conto com base em textos de vários autores.
- Ampliar os conhecimentos acerca dos elementos e características próprias do gênero; Retomar a produção inicial, para reformulações que garantam a presença dos elementos próprios do gênero.
- Desenvolver habilidades como localizar o tema do texto, estabelecer relações, inferir informações.

Texto: *Biruta* - Lygia Fagundes Telles

Atividade 1: Leitura silenciosa.

Atividade 2: Depois da leitura, fazer as seguintes perguntas:

- O que mais impressionou: o fato que é contado ou a maneira como a autora o contou?
- O conto *Biruta* tem quantos personagens? Quais são?
- A história acontece em um curto espaço de tempo? Delimite-o.

Atividade 3: Leia as informações abaixo com atenção, e responda-as, voltando ao texto sempre que necessário, para confirmar suas hipóteses.

Tempo: uma história passa-se num tempo determinado, que pode ser declarado pelo narrador ou que você pode inferir a partir de pistas que o texto fornece. No

conto *Biruta*, em vez de “carro”, menciona-se a palavra “automóvel”, termo pouco utilizado nos dias atuais. Outro elemento do conto que demarca o tempo em que passa a história está na fala de Leduína, quando ela diz a dona Zulu que se aproxima a hora do jantar e o açougue já estava fechado. Atualmente, há açougues em supermercados que ficam abertos até durante a noite.

- A partir desses elementos você consegue deduzir a época em que acontece essa história?
- Em que dia do ano se passa a história? Em que momento desse dia?
- Por que a escolha desse dia para se desfazer de Biruta torna mais cruel a atitude de Zulu?

Enredo: é a organização dos fatos e ações vividas pelos personagens, numa determinada ordem. Essa ordem pode ser linear, quer dizer, o que acontece antes vem contado antes, o que acontece depois vem contado depois. Às vezes essa ordem linear pode ser interrompida para voltar ao passado, lembrado algo que aconteceu antes do momento que está sendo narrado. Este último procedimento recebe o nome de técnica da retrospectiva ou *flash-back*.

- A ordem linear dos fatos e ações no conto *Biruta* foi interrompida em algum momento? Quando?

Personagens: seres que vivem ações. Através do enredo, percebemos o relacionamento entre eles. Podem ser caracterizados fisicamente (aparência, cor, idade etc.), através do que fazem ou do que o narrador diz sobre elas. Personagem principal, ou protagonista, é aquele em torno do qual se desenvolve o enredo. No caso do conto *Biruta*, Alonso é o personagem principal.

Há duas maneiras de caracterizar um personagem, seja ele linear ou complexo: **uma é pela qualificação, outras pelas ações**. No primeiro caso, o personagem é descrito pelo narrador ou por outros personagens: características físicas (estaturas, aparência, idade, cor etc.), características psicológicas (personalidade, qualidades e defeitos, sonhos, desejos, emoções, pensamentos, frustrações, carências), características sociais (família, amizades, atividades, situação econômica etc.). No segundo caso, o personagem vai-se definindo pelo que faz, isto é, por suas ações o leitor vai percebendo quem ele é. Algumas vezes essas ações não são externas, psicológicas. Entretanto, essas duas possibilidades se

complementam, pois os autores recorrem tanto à qualificação quanto à ação para mostrar a personagem.

Atividade 4: Responda as questões abaixo:

- Como era Alonso física e psicologicamente?
- Como era Biruta? Por que mexia nas coisas e as estragava?
- Como era o relacionamento de Alonso com Biruta? Por que o cãozinho era tão importante para ele?
- Por que dona Zulu adotou Alonso?
- Compare dona Zulu e Leduína. Que diferenças há entre elas, quanto ao modo de tratar o menino?

Conflito: é o principal acontecimento a partir do qual se desenvolve a história.

- Qual é o assunto do conto Biruta?

Espaço: é o lugar onde se passam as ações e fatos vividos pelos personagens. No texto Biruta, as ações acontecem na casa de dona Zulu, mas Alonso e Biruta não compartilham do espaço ocupado pelo casal.

- Qual o espaço reservado a Alonso e Biruta na casa de dona Zulu?

Verossimilhança: é a coerência ou lógica da história. Os fatos narrados, mesmo inventados, devem decorrer uns dos outros de forma que o leitor aceite que possam ocorrer; o leitor precisa ser convencido de que os fatos narrados são possíveis na história.

- Como você avalia a verossimilhança no conto Biruta?

Atividade 5: Conto é uma obra de ficção que cria um universo de seres e acontecimentos, de fantasia ou imaginação. Como todos os textos de ficção, o conto apresenta um narrador, personagens, espaço, tempo, ponto de vista e enredo. Classicamente, diz-se que o conto se define pela sua pequena extensão. Mais curto que a novela ou romance, o conto tem sua estrutura fechada, desenvolve uma história e apenas um clímax. O **clímax** é o momento de maior tensão e intensidade no conto. Pico máximo dos acontecimentos, facilmente identificado pelo leitor, momento de auge em que as ações atingem sua máxima expressão. Toda a estrutura do **enredo** parece direcionada para este momento culminante da história. A história do conto tem uma conclusão, o desfecho. Os conflitos desenvolvidos alcançam, ou não, um estágio de solução. O desenlace pode ser feliz, trágico,

engraçado, diferente, surpreendente. O **desfecho** nem sempre traz uma solução, muitas vezes, o final é aberto e deixa o caminho livre para a imaginação do leitor.

Texto: O Velho e os Urubus- Bariane Ortêncio

1: Tomando como base o conto lido, identifique:

- Personagens, tempo (exemplifique com elementos do texto), conflito, espaço.

2: Responda:

- Qual o clímax do conto?
- Qual o desfecho do conto?

Atividade 6: Conto é uma obra de ficção que cria um universo de seres e acontecimentos, de fantasia ou imaginação. O conto apresenta um narrador. Esse narrador pode fazer a narração em 1ª ou 3ª pessoa. O narrador em 1ª pessoa pode ser chamado de narrador personagem. Ele conta e participa da história como personagem. O narrador na 3ª pessoa pode ser o narrador-observador, que conta a história sem participar das ações. E o narrador-onisciente, que também conta a história em 3ª pessoa, mas ele conhece tudo sobre os personagens, conhece suas emoções e pensamentos.

1: Levando em consideração os contos lidos, responda oralmente as questões a seguir:

- Quem conta as histórias são os próprios personagens?
- Os narradores contam as histórias observando-as de maneira imparcial ou conhecem profundamente os personagens?

Atividade 7: Num conto literário, os **tempos verbais** são de extrema importância. Verbos são palavras variáveis que tem a propriedade de localizar o fato no tempo em relação ao momento em que se fala. Podem ser flexionados em três tempos básicos: **presente, passado e futuro**. O **presente** indica uma ação, estado ou fenômeno da natureza que ocorre no momento em que se fala. O **futuro**, algo que irá ocorrer após o momento em que se fala; e o **passado**, por sua vez, se aplica a fatos anteriores ao momento da fala. Sempre que o autor quer marcar o grau de certeza de que um fato realmente ocorreu, está previsto ou prestes a ocorrer, utiliza o modo indicativo, que retrata situações consideradas reais por parte de quem fala.

1: Responda oralmente:

- No trecho do texto Biruta “Ajoelhou-se, arregaçou as mangas da camisa e começou a lavar os pratos”. Que palavras marcam o tempo?

- O tempo marcado por essas palavras está se realizando, já se realizou ou ainda vai se realizar?

(MÓDULO 4) REFACÇÃO DO CONTO

OBJETIVO: Retomar a produção escrita e revisar.

Atividade 1: Veja se os aspectos relacionados abaixo estão contemplados na sua produção escrita. Se necessitar, faça as alterações.

- | | |
|--------------------------------------|---|
| 1. Qual o título? | 14. A personagem principal tem as |
| 2. Qual o acontecimento narrado? | características certas para enfrentar o |
| 3. Quando ele ocorreu? | problema? |
| 4. Onde ocorreu? | 15. O que a personagem principal faz |
| 5. Em que espaço ocorreu? | para resolver o problema? |
| 6. Quem são os personagens? | 16. O que acontece no final da |
| 7. Os personagens foram descritos? | história? |
| 8. Por que o fato ocorreu? | 17. Como se sente a personagem no |
| 9. Como ele ocorreu? | final da história? |
| 10. Quem é o narrador? Ele participa | 18. Sua história é verossímil ou |
| da história? | inverossímil? |
| 11. Qual o problema que a | 19. Utilizou figuras de linguagem? |
| personagem principal enfrenta? | Quais? |
| 12. O que sente a personagem | 20. Já verificou a ortografia, os |
| principal diante do problema? | elementos coesivos, algumas palavras |
| 13. Quais as consequências do | que se repetem demasiadamente, os |
| problema? | tempos verbais? |
| | 21. Usou uma linguagem objetiva, |
| | direta? |

Continuação da atividade 1

- Retome o seu conto e observe esses elementos: há poucos personagens? O espaço de tempo é curto? Onde se passa a história que você criou? Caso esses elementos não estejam bem definidos no seu texto, este é o momento para aprimorar a sua escrita.

- Observe especialmente o enredo e o tempo. Observe se algum personagem do seu texto se recorda, ou poderia se recordar, de algum fato passado. Caso você não tenha utilizado a técnica do *flash-back* e perceba que poderia tê-la utilizado para maior coerência interna do seu texto, este é o momento de fazê-lo.
- Observe se está claro para o leitor quem é o personagem principal e os secundários na história criada por você. Procure aprimorar suas características físicas e psicológicas, por meio das suas ações, pensamentos e atitudes e relacionamentos. Atente-se, ainda, para o assunto e o espaço criados por você. Não se esqueça de cuidar da verossimilhança.
- Observe o clímax, desfecho e enredo. Se esses elementos não tiverem claramente definidos, faça as adaptações necessárias.
- Observe o tipo de narrador que você empregou na sua história. Procure ser bastante coerente, cuidando para que a escolha do foco narrativo perpassasse todo o seu texto, não confundindo 1ª e 3ª pessoas. Vale ressaltar, ainda, que se você optou pela 3ª pessoa, deve observar também se o narrador é apenas um observador dos fatos, ou conhece as emoções e pensamentos das personagens, ou seja, é um narrador onisciente.
- Verifique o emprego dos tempos verbais. Caso esses elementos não estejam bem definidos, aprimore-os.

(MÓDULO 5) EXPOSIÇÃO DAS PRODUÇÕES

OBJETIVO: Expor os textos para que outros alunos tenham a oportunidade de ver e ler as produções escritas.

Atividade 1: Façam convites para que outras turmas da escola participem da exposição do varal de crônicas.

Atividade 2: Enfeitem a sala de aula com variados autores de contos literários, com suas respectivas biografias.

Atividade 3: Confeccionem um varal com todos os contos produzidos.

Atividade 4: Formem equipes e escolham apenas 10 (dez) contos para serem lidos aos alunos das turmas convidadas.

Atividade 5: Exposição dos trabalhos.

FONTE: Esta proposta teve como apoio os seguintes livros: Caderno Educacional, material do professor, Secretaria de Estado da Educação do Estado de Goiás, 9º ano e Mundo em Construção: Educação de Jovens e Adultos nos quais se podem encontrar todos os contos trabalhados.

5 - PERCURSO METODOLÓGICO

O fundamento da proposta colocada em discussão baseou-se na concepção de que metodologias e resultados só podem ser satisfatórios se o professor entender o porquê da aplicação, a motivação e as contribuições dessa prática para o aprimoramento da capacidade de compreensão, interpretação e produção de textos, além de apreender que trabalhar os gêneros oportuniza a valorização dos saberes múltiplos que os alunos possuem antes de entrarem na escola.

Diante disso, no primeiro momento, procurou-se fazer uma abordagem teórica a respeito dos Parâmetros Curriculares Nacionais e os gêneros textuais e, ainda, sobre os gêneros textuais no contexto escolar. O seguinte mostra as vantagens em se trabalhar os gêneros textuais como ponto de partida para o ensino de Língua Portuguesa. No terceiro momento, foram evidenciadas algumas situações dignas de serem olhadas com maior atenção quando se contempla os gêneros textuais em sala de aula, não bastando uma abordagem pouco trabalhada, mas um trabalho prudente. E, para finalizar, devido às dificuldades existentes nas salas de aula em relação à prática dos gêneros textuais, procurou-se dar notoriedade às sequências didáticas surgidas no interacionismo sociodiscursivo, através do gênero textual conto literário, como forma de subsidiar o profissional da área de Língua Portuguesa.

6 CONSIDERAÇÕES

É consenso, hoje, que o trabalho com os gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua nos seus diversos usos, tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, sendo, pois, imperativo um maior conhecimento do funcionamento dos mesmos. Nessa linha de estudo, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e autores como Dolz e Shneuwly (1998), Marcuschi (2008), Bezerra (2005), entre outros, têm mostrado o quanto é fundamental o seu estudo no ambiente de aprendizagem, isto é, na escola.

Portanto, a nova proposta de ensino de Língua Portuguesa manifestada pelo atual PCN de LP, precisa ser colocada em prática nas salas de aula, contudo é fundamental que os professores, ao chegarem às escolas tenham um arcabouço

teórico consistente, e que continuem procurando se aperfeiçoar naquilo que ensinam, de maneira que a aprendizagem possa acontecer de forma eficaz e possibilite a competência comunicativa. Sendo, ainda, necessário que discutam sobre suas próprias práticas e que busquem respostas para os eventuais problemas pedagógicos que se fazem imprescindíveis e urgentes.

AVANTAGES DE TRAVAILLER LE GENRE TEXTUEL DANS L'CLASSE

Résumé

Cet article décrit les avantages de travailler les genres textuels dans la salle de classe, afin de montrer que l'enseignement basé sur ce thème sont les pratiques essentielles et enrichissante pédagogique quand il vise la participation consciente des étudiants dans la société. Pour cette raison, nous cherchons à travers les auteurs et les chercheurs, en collaboration avec le débat qui est indispensable pour les professionnels qui sont déjà dans la salle de classe et qui veulent travailler avec les élèves dans la discipline Langue Portugaise et la Littérature. Pour les méthodes sont efficaces et des résultats satisfaisants, on croit ne suffit pas de mentionner les genres d'enseignants, simplement parce qu'ils apparaissent dans les manuels, il est nécessaire de comprendre pourquoi l'application, la motivation et les cotisations réelles de cette pratique interactionnelle et discursive dans l'amélioration capacité de compréhension, l'interprétation et la production de textes, et apprendre à travailler genres est une grande opportunité pour la valorisation des connaissances multiples que les étudiants ont avant qu'ils entrent à l'école.

Mots-clés: Genre textuel, la pratique pédagogique, l'interactionnisme.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. DA. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Aulas de português: encontro e interação**. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos, GAGNER, Gagné, STUBBS, Michael. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal** 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS-MENDES, Adema das Neves. **A linguagem oral nos livros didáticos de português do ensino fundamental – 3º e 4º ciclos: algumas reflexões**. 2005 200f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada). Unicamp, Campinas – SP.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. **A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**. In. ROJO, R e

BATISTA, A. A.G (orgs) (2003). **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. São Paulo: Mercado de Letras, Cap.1 25-67.

BAZERMAN, Charles, HOFFNAGEL, Judith Chambliss, DIONÍSIO, Angela Paiva (ORGs). **Gênero, agência e escrita**. São Paulo, Cortez, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARLES, Magne. Porto Alegre: **Artes Médicas**,1994.

DIONÍSIO, Angela Paiva & HOFFNAGEL, Judith Chambliss (ORGs). **Gêneros textuais tipificação e interação**. São Paulo, Cortez, 2006.

ELIAS, Vanda Maria & KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: **Contexto**, 2008.

GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 2004.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Mediação. 2003.

KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECSKA, Beatriz, BRITO, karim Siebeneicher (ORGs). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.

KLEIMAN, Angela. **Abordagem da leitura**. Belo Horizonte: Scripta, 2004.

_____. **Os significados do letramento**. 2ª edição. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2002.

MARCUSHI, Luis Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. São Paulo, Cortez, 2001.

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A.R; BEZERRA, M. A. Gêneros textuais e ensino. 2ª ed. Rio de Janeiro, Lucerna: 2002.

ROJO, Roxane & BATISTA, Augusto Gomes, (organizadores). **Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

ROJO, Roxane (Org.). **A prática de Linguagem em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SIGNORINI, Inês (ORGs). **Gêneros catalizadores: letramento e formação do professor**. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

SOARES, Magda. **Aprender a escrever, ensinar a escrever**. In: ZACCUR, Edwges (Org.). *A Magia da Linguagem*. Rio de Janeiro: DP & A: SEPE, 1999.

SUASSUNA, Lívia. **Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas: Papyrus, 1995.

Vários autores. **Mundo em Construção: Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental**, volume 3.--1.ed.--São Paulo: Global: Ação Educativa, 2009.--(Coleção viver, aprender.)